

Regional

MEMÓRIA

O fotógrafo que vigiou o Estado para alemães

Albert Dietze trabalhava para o governo da Alemanha, enviando fotos do dia a dia de colônias no Espírito Santo

Julio Huber
SANTA LEOPOLDINA

Há vários capítulos da história do Espírito Santo que ainda não foram contados e descobertos. Um deles é a vida do alemão Albert Richard Dietze, que chegou ao Brasil em 1862 e exerceu o cargo de agente consular do Império da Alemanha no Estado.

Entretanto, sua marca registrada foi a fotografia. Dietze enviava fotos das colônias alemãs capixabas para Dom Pedro II e para o governo alemão.

Nascido na Kaja, na região central da Alemanha, em 1838, Albert mudou-se para o Brasil não como os imigrantes da época, mas o real motivo de sua vinda ao Brasil ainda é uma incógnita. Ele exerceu uma importante função no Estado, pois, por ser uma pessoa estudada, com formação em Agronomia, Dietze era o suporte dos imigrantes capixabas da época.

Ao chegar ao Brasil, o alemão foi direto para Santa Catarina. Pouco tempo depois, se mudou para o Rio de Janeiro, onde trabalhou no

Jardim Botânico e em uma oficina de fotografia que ele mesmo instalou na cidade.

Ainda na década de 1860 ele visitou várias vezes o Espírito Santo, até que em 1869, para trabalhar para o governo Alemão, se mudou de vez para o Estado.

Dietze exerceu a profissão de fotógrafo em Vitória, onde montou um empreendimento fotográfico, e viajava pelo Estado, visitando as colônias alemãs para o governo da Alemanha.

Em uma dessas visitas, ele conheceu Frederike Henriette Christine Sacht, com quem se casou, em 1873, na capela de Suíça, no município de Santa Leopoldina.



DIETZE chegou ao País em 1862

Em 1876, Dietze se mudou para Santa Leopoldina, para onde transferiu também seu empreendimento fotográfico.

Pelo que tudo indica, a transferência do alemão para Santa Leopoldina, onde adquiriu terras e viveu o resto de sua vida, se deu devido às boas condições de vida dos colonos na época.

Encantada com a história do alemão, a professora de História da Arte da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e pesquisadora de fotografia Almerinda da Silva Lopes escreveu o livro intitulado "Albert Richard Dietze - Um artista fotógrafo alemão no Brasil do século XIX".

Na obra, com quase 300 páginas, e escrita em 2003, Almerinda faz uma viagem pela vida de Dietze e tenta desvendar o motivo de sua vinda ao Brasil "Foram dois anos de pesquisa, como apoio de alunos do curso de Artes Plásticas da Ufes, para tentar desvendar os mistérios da vida desse ilustre alemão em terras capixabas", disse.

“Fazendo algumas pesquisas, me deparei com Albert Dietze, que pode ser considerado o 1º fotógrafo do Estado”

Almerinda Lopes, pesquisadora



PESQUISADORA Almerinda: livro conta trajetória do fotógrafo no Estado

Pedido de apoio a D. Pedro

Encantado pelas belezas do Espírito Santo e com as boas condições de vida dos imigrantes alemães no Estado, Albert Richard Dietze enviou várias fotos das colônias capixabas para a Alemanha e Dom Pedro II.

Durante as pesquisas para a produção do livro sobre a história de Albert Dietze, a escritora Almerinda da Silva Lopes encontrou, na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, uma coleção de 50 fotografias feitas por ele entre os anos de 1869 e 1877.

As fotos foram enviadas pelo fotógrafo a Dom Pedro II, a quem ele

pedia ajuda para produzir material publicitário, cujo objetivo era divulgar, na Alemanha, as colônias capixabas. A intenção era atrair a vinda de um número ainda maior de imigrantes.

Além das fotos enviadas a Dom Pedro, Dietze mandou algumas imagens e cartas para a Alemanha. Parte desse acervo é conservado até hoje.

No ano de 2002, a casa onde Dietze morou na Alemanha era restaurada e iria ser transformada em um centro de artes com a exposição de suas fotos feitas no Espírito Santo.

SAIBA MAIS

Incentivador da cultura

Gostava de livros e teatro

> NA LOCALIDADE de Suíça, em Santa Leopoldina, onde Albert Richard Dietze escolheu para viver, ele desenvolveu várias atividades, além da fotografia. Ele montou um comércio na região e um teatro, que ele dizia servir para levar cultura aos colonos. Até uma academia de ginástica ele mantinha.

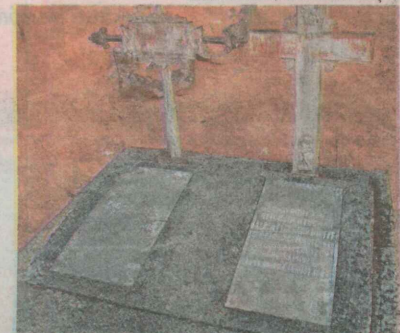
> AMANTE DAS ARTES, Dietze também gostava de desenhar, chegando a fazer desenhos publicitários para comércios da época. Ele também mantinha em sua residência uma biblioteca com várias obras da literatura e dramaturgia europeia. Ele foi também músico e compositor.

> EM SANTA LEOPOLDINA, ele criou uma orquestra familiar, depois aberta à comunidade. Os instrumentos

eram importados e afinados por ele, que desenvolveu um importante papel cultural na época.

> ALBERT DIETZE morreu em 24 de agosto de 1906 e está enterrado no cemitério da comunidade de Suíça, interior de Santa Leopoldina.

RENATO COSER/NOVA COMUNICAÇÃO



TÚMULO de Albert Richard Dietze

Bisneta segue tradição de fotos

O gosto do alemão Albert Richard Dietze pela fotografia atravessou gerações. Atualmente, uma bisneta de Albert também se dedica à arte fotográfica em Vitória.

Dahlen Bucher mantém, em Barro Vermelho, na capital, a Bucher & Bucher, inaugurada há cerca de 30 anos pelo seu pai, Henrique Bucher, que contribuiu com fotos e relatos para a produção do livro sobre Albert Dietze.

Henrique, já falecido, viveu os primeiros anos de sua vida no município de Itaguaçu.

Ele se mudou para Vitória para cursar faculdade de Direito. No entanto, sempre gostou de fotografia.

De acordo com Dhalen, o pai também chegou a fazer teologia no Sul do Brasil. Segundo ela, toda a família sempre gostou de fotografia.

"Meu pai gostava de fotografar e gostava de estudar fotografia, tanto que quando ele abriu a loja logo foram iniciados os cursos de fotografia, que mantemos até hoje", contou, orgulhosa.

Henrique Bucher foi diretor do Colégio Martin Lutero durante 22 anos. "Após o fechamento do colégio, ele começou a se dedicar mais intensivamente à fotografia", reve-



DAHLEN BUCHER mantém a loja de fotografia criada pelo pai

lou a filha.

Dahlen, que começou a ajudar o pai, hoje comanda a loja, que além de revelações e cursos, ainda vende e faz manutenção de equipamentos fotográficos.

"Meu pai sempre insistiu em montar a escola de fotografia, que hoje já tem 30 anos, mesmo tempo da loja. Ele achava importante passar para o próximo o que ele sabia", disse.

OS NÚMEROS

22 anos

Henrique Bucher, neto de Albert Dietze, foi diretor de colégio

30 anos

tem a loja de fotografia